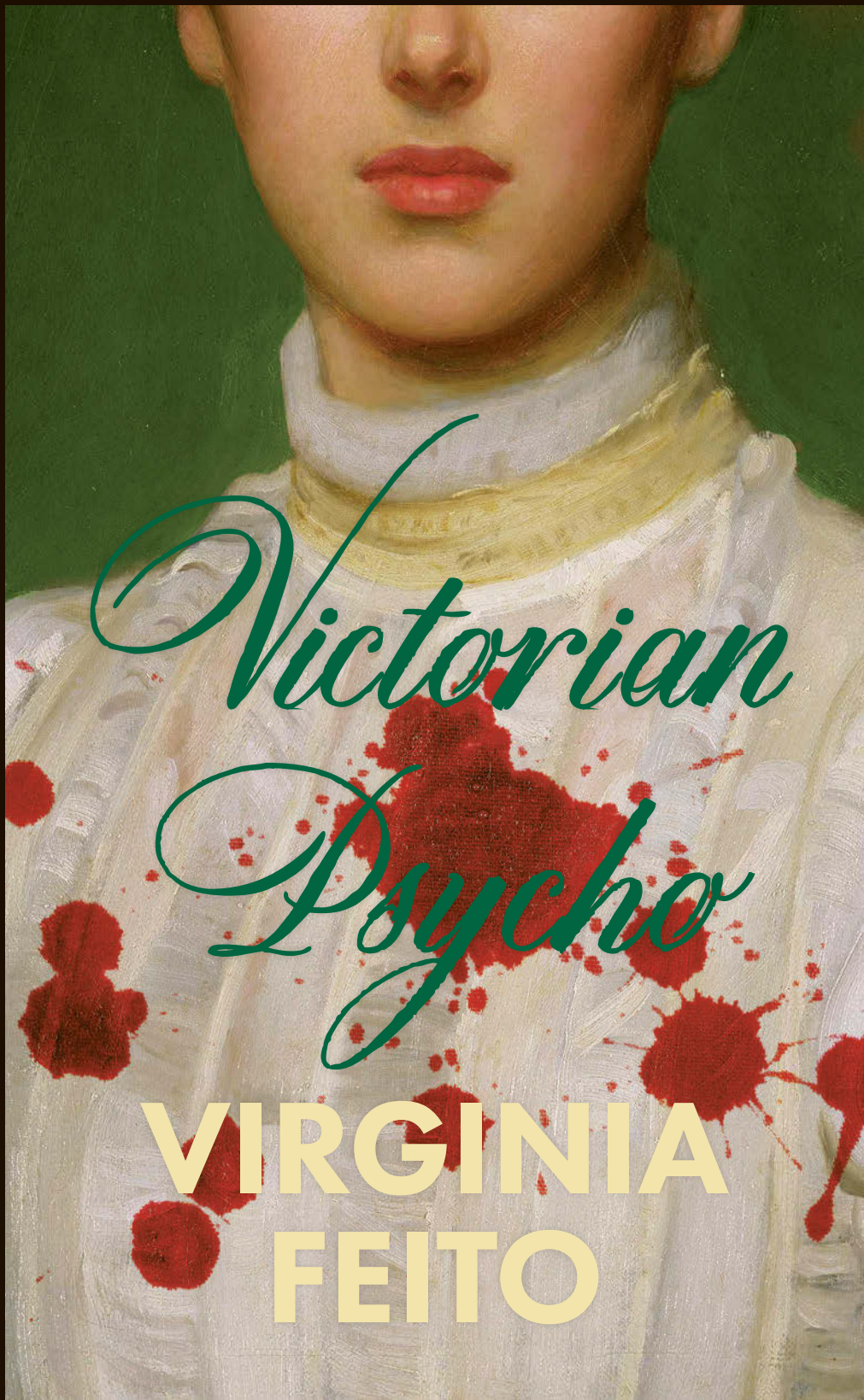


ALFAGUARA



*Victorian
Psycho*

**VIRGINIA
FEITO**

Tradução de Sofia Ribeiro

CAPÍTULO I

Em que chego à Ensor House

A Ensor House assenta numa extensão de charneca, toda ela sobranceiras arqueadas e queixos duplos, como um banqueiro de mãos entrelaçadas, prestes a dar péssimas notícias.

Encontro os seus olhos com pinázios a partir do fae-tonte aberto, rolando pela charneca até ao meu destino, os seios sacudindo no espartilho.

— Aquela ali é a Ensor House, ali — diz o condutor ao meu lado, apontando com o queixo. É um dos criados de Mr. Pounds, mandado à estação de Grim Wolds para transportar até casa a nova precetora.

O meu olhar pousa no lombo de veludo do cavalo diante de mim, depois no condutor, com as faces esburacadas das bexigas, o enorme nariz descaído, proeminente como o bócio. Acabámos de nos conhecer, mas já me dou conta de uma mente indulgente e lenta por detrás dos olhos vazios. Tem a boca meio aberta, albergando um único dente protuberante.

— Conhece bem os patrões? — atrevo-me a perguntar.

— Eh.

Fico na dúvida do que isto significa, portanto insisto.

— Como são?

Ele diz, simplesmente:

— Já tive piores.

É um começo promissor. Os músculos atrás do meu rosto movem-se furiosamente enquanto examino a paisagem desolada. O dia está a pôr-se, as nuvens tremeluzem como se ardessem velas dentro delas. Há um toque de granizo no ar: mãozinhas que seguram facas minúsculas que espetam os dedos e as maçãs do rosto de uma pessoa. O factote avança sobre terreno irregular, com as rodas desproporcionalmente grandes inclinando os seus dois passageiros drasticamente para estibordo, de maneira que escorrego para o condutor. Ele dá-me uma palmadinha na coxa com a mão cheia de frieiras, enquanto a outra agarra as rédeas de couro rachadas.

Desconfio que os meus novos patrões consideraram que enviar uma carruagem maior e fechada teria sido uma extravagância, um transporte demasiado indulgente para o meu primeiro dia de emprego. Não haveriam de me querer a contemplar ideias fantasiosas.

Baixo os olhos para o regaço. A mão do condutor continua ali. Olho para trás, para a minha mala de viagem, que chocalha no suporte para as bagagens, com as minhas iniciais a dourado esbatendo-se no couro desgastado.

O cavalo pára ao portão e pende a cabeça no que poderia ser entendido como um sinal de derrota e o condutor decrepito desce de um salto, com surpreendente destreza, para puxar o ferrolho e abrir os portões de ferro, arrastando-os pelo cascalho. Prosseguimos cruzando dois pilares de pedra dilacerados e subimos o caminho de acesso.

O criado faz parar a carruagem a pouca distância da casa, sem uma palavra. Compreendo que devo sair do

veículo e, com isso, deslizo para fora dele, com o vestido a subir-me às coxas. As minhas botas pousam na lama com o esborrachar de vísceras esmagadas por um punho.

Uma árvore torta faz uma vénia diante de mim, com as pontinhas das folhas de um vermelho vibrante. Manchas de hera emolduram uma janela do andar de cima, pela qual uma mulher de rosto austero me fita.

A entrada principal da casa acena-me atrás de um campo de campânulas brancas, que me lembra um grupo de mulheres cujas cabeças pendem sob as toucas, num gesto de deferência. Aproximo-me das portas de madeira tachadas, com as saias a varrerem as flores com o entusiasmo da foíce.

Estamos no início do outono, o frio começa a diminuir e, dentro de três meses, toda a gente nesta casa estará morta.

A governanta, Mrs. Able, cumprimenta-me à entrada, com o pé a bater na laje. Mrs. Able não é casada, evidentemente, sendo o título uma mera formalidade da sua posição. O seu olho esquerdo vagueia e oxalá eu fosse munida de um compasso para determinar em que direção cardinal o olho aponta com maior frequência.

Ela pigarreia.

— Deduzo que tenha feito boa viagem. Faz frio, mas há de fazer mais — diz ela, ou algo assim. Fala num tom monótono horrivelmente baixo. Inclino-me para a frente, com o intuito de discernir as suas palavras, que lhe saem da boca enroladas, como se continuassem amarradas a ela.

— Eu aguento o frio — digo.

Um dos seus olhos assenta no meu vestido. Creio ser um vestido bastante desanimador, porque a boca dela se afina.

— Vou levá-la ao seu quarto — diz e, juntas, mergulhamos no interior da casa.

É farta de carvalho escuro, tapetes turcos espessos e sombras do negro mais profundo. Mal consigo ver a minha mão no corrimão quando subimos a grandiosa escadaria e viramos para uma galeria comprida, ladeada por portas de quartos fechadas.

— A Ensor House foi, em tempos, uma casa medieval — explica Mrs. Able, o seu balbucio imbuído de orgulho. — Foi construída ao longo dos séculos para acomodar cada nova geração.

Mrs. Able está ligeiramente virada de lado, como que relutante em expor as costas para mim. Uma veia inchada circunda-lhe a garganta e desce até à clavícula.

— Mandei preparar para si uns aposentos mais pequenos, nos fundos — diz ela. — Calculei que fosse desaproveitar a fineza desnecessária das grandes câmaras na parte da frente.

— Claro — apresso-me a dizer.

A apreciação do luxo e da indulgência denota um certo tipo de degradação moral totalmente impróprio a uma precetora.

Passamos pelas ditas câmaras da frente e viramos bruscamente, desviando-nos da galeria principal para uma passagem exígua, com chão de pedra, onde Mrs. Able abre uma porta solitária e baixa. Gesticula para ela. Quando entro, a saia do meu vestido roça a sua mão frouxa, que ela retira imediatamente. Mrs. Able, pondero, é uma pessoa que nunca pegou num pénis.

— É esperada prontamente lá em baixo, na sala de jantar, para conhecer os seus, e meus, patrões — diz ela, da entrada.

Recordo, por breves instantes, os meus anteriores patrões. Os seus olhares soturnos. As unhas limpas. Os seus segredos, embrulhados em lenços de seda ou segregados debaixo de sobrecasacas de colarinho de veludo ou atrás de cortinas tingidas de púrpura tória.

— Mr. Pounds — digo, despindo a capa de xadrez. — É cortês?

— É um bom patrão — diz Mrs. Able, se bem que... acaso detetarei a mais brevíssima pausa no seu discurso, a mais leve hesitação no seu olhar, que quase impercivelmente baixa do meu?

Retira-se depois de me solicitar, uma vez mais, que desça prontamente para o jantar.

Aferrolho a porta e viro-me para investigar o quarto. Consiste em mais carvalho escuro e cortinas pesadas e parece, no seu todo, mais difícil de pegar fogo do que os meus anteriores aposentos.

Encaminho-me da janela e registo o jardim noroeste, presentemente iluminado pelo pouco crepúsculo que resta. Seguramente o mais feio dos jardins da Ensor House, mas amplamente mais agradável do que a vista do meu quarto de infância, que me mostrava o cemitério. O cemitério, castanho, putrefacto e torto, como o interior da boca de um velho.

Ao sentir olhos postos em mim, viro-me, com um sorriso antecipatório estampado no rosto. Deparo com o meu próprio reflexo, no espelho oval do lavatório. O seu sorriso imóvel irradia para mim, mas vejo que não é sincero. Os seus olhos são dois buracos de bala.

Dobro-me para a frente e levanto a tampa do penico, à espera de ser recebida pelos dejetos da minha antecessora, mas o bacio está limpo.

Falta trazer a minha mala para cima. Lambo a palma da mão e, com ela, aliso o cabelo que o vento soprou e limpo uma mancha da bochecha. Trata-se do esforço máximo que, neste momento, consigo despender na minha aparência. Estou pronta para conhecer os meus patrões.

CAPÍTULO II

Em que conheço os meus patrões e não fico lá muito impressionada

M sala de jantar ostenta um teto artesoadado de nogueira ornamentada e, pendurado por cima de um aparador, um Rembrandt enorme retrata uma carcaça esfolada, *Boi Abatido*, provavelmente uma cópia feita por um dos seus alunos.

Mr. e Mrs. Pounds estão sentados numa extremidade da mesa de jantar, que é mais comprida do que uma baleia, enquanto eu fico exilada no extremo oposto, o que nos coloca a uma distância absurda, quase cómica. Conforme me espreitam por entre os castiçais de prata, vou-me contorcendo na cadeira, numa tentativa fingida de me fazer mais visível, conseguindo o oposto disso.

Mr. Pounds olha para Mrs. Pounds em busca de instruções. Perante o arquear das sobranceiras dela, parece decidir, finalmente, lançar-se no abismo da conversa.

— Deduzo que tenha feito boa viagem.

— Não — digo, tão alegre e radiante que Mr. Pounds se limita a acenar e dizer:

— Ótimo.

Quebrado o selo, Mrs. Pounds toma a palavra:

— O seu anúncio referia que o seu pai é clérigo.

— Sim — digo. O reverendo não é, por assim dizer, meu pai, é mais um substituto, mas, passados tantos anos, aprendi a referir-me a ele como tal. — É sacerdote na nossa paróquia.

— E a sua mãe?

— Falecida há dez anos — respondo. Vêm-me à cabeça os dentes da mãe, a sorrir para mim da sua cama.

— É uma pena — diz Mrs. Pounds, com decepção. — A presença da mãe é vital numa casa. De outro modo, quem irá inculcar nos filhos um sentido de moralidade e ternura?

Puxo pela cabeça à procura de uma resposta à altura.

— Bem, a precetora, desde logo, diria eu — diz Mr. Pounds, com uma risadinha sardónica embargada na garganta —, já que é para isso que lhe pago.

— Sim. Esperamos que seja de melhor carácter do que a nossa precetora anterior — diz Mrs. Pounds, os olhos cinzentos mosqueados com traços de luz de velas. — O cúmulo da ingratidão, essa. Desapareceu sem deixar rasto.

— Chega da precetora anterior, canso-me de falar dela — diz Mr. Pounds. Um silêncio desce sobre a mesa enquanto ele estende o braço para um bife cinzento. O tilintar dos talheres na porcelana cresce no silêncio. — Portanto. Miss Notty. Ei-la aqui — diz, aninhando-se na segurança dos factos.

— Sim.

— Tendo percorrido todo o caminho desde Hopefernon.

— Sim.

— Uma vila bem pequena, Hopefernon, não é? — pergunta. — Como se ocupa uma pessoa lá?

— Bem, há muita dança — digo, sombriamente.

Mr. Pounds olha-me com acutilância, um pequeno sulco no sobrolho (fronte redonda e ampla, reparo).

— É um gracejo? — pergunta ele, com uma pitada de desagrado.

— Sim — digo.

— Não foi em Hopefernon que encontraram aqueles bebês todos assassinados? — interrompe Mrs. Pounds.

Não é raro que aqueles que encontro, quando confrontados com o tema de Hopefernon, indaguem acerca dos bebês. Apareceu nos jornais. Um assunto horrível. (Cinco descobertos em sepulturas não marcadas, outro atirado pela privada abaixo.)

— Grim Wolds é uma aldeia robusta — continua Mr. Pounds antes que eu possa responder, sorvendo a gordura da carne de vaca das suas batatas. — E a Ensor House preside a Grim Wolds há séculos. É precisamente esse sentido de força, de tradição inabalável, que desejamos que incuta nos nossos filhos.

— Sim, mas não aceitaremos nenhum tipo de castigo corporal debaixo deste teto — esclarece apressadamente Mrs. Pounds.

Anuo. Pelo visto, é o furor do momento, não esbofear crianças.

— Na verdade, preferimos que não toque, de todo, nas crianças — acrescenta Mrs. Pounds.

— Nem olharei para elas — digo, animada. O meu anúncio no *Times* assegurava que eu tinha «um temperamento afável».

— Miss, há... — Mr. Pounds acena com a mão na minha direção, fazendo *ts-ts*, como se ele esquecer-se do meu nome fosse, de alguma forma, uma gafe minha.

— Winifred Notty — digo.

E com isto, a nossa primeira apresentação, pisco-te o olho, caro leitor.

— Miss Notty, a senhora é estudiosa — diz Mr. Pounds, que depois franze a testa como se as palavras tivessem deixado um sabor amargo. — Ou, bem. Sabe ler e escrever.

Esboço amigavelmente um sorriso afetado, em jeito de confirmação.

— Estará porventura familiarizada com a teoria da frenologia? A «ciência da mente»? Devo confessar que sou bastante académico.

— Agora toda a minha vida é frenologia — diz, desolada, Mrs. Pounds para a sua chávena de chá.

— Por uma pequena tarifa, pode-se medir o crânio — continua Mr. Pounds —, a forma mais segura de se estabelecer as faculdades mentais e morais. O meu próprio crânio foi avaliado há alguns meses pelo mais preeminente profissional da frenologia, Sir Reginald Batterson...

— O profissional mais preeminente não é um tal Lorenzo Fowler? — pergunta Mrs. Pounds.

— Tem uma coisa na cara, querida — diz Mr. Pounds.

Mrs. Pounds dá palmadinhas nas bochechas enquanto Mr. Pounds retoma a palavra.

— Como eu estava a dizer, só através desta ciência esclarecedora podemos determinar o conteúdo da nossa mente, da nossa própria *alma*...

Imagino a minha alma a escapar do corpo, escorrendo entre as minhas pernas num lodo grumoso e cor de cevada. Deixa uma nódoa viscosa no tapete antes de deslizar pela sala para examinar a porcelana com o brasão do javali pintado à mão, o quadro do boi, o lacaio de rosto suado, que olha para a frente como se fosse cego. Desliza depois para cima, ao longo da parede, e pressiona um rosto

sem feições contra a janela com vista para as sebes de faia acobreada.

— Foi por isso que se recusou a receber a minha prima Margaret na primavera passada?

— A sua prima Margaret possui uma cabeça singularmente má — diz bruscamente Mr. Pounds. — Vergonhosamente débil e mal-humorada.

— Francamente, John.

— Não sou eu; é a ciência.

A minha alma vira a cabeça coalhada e fedorenta para nós e diz: «Creio que ficarei bastante satisfeita aqui.»

Mr. Pounds estreita os olhos para mim, à distância.

— O seu crânio parece promissor, Miss Notty. A testa é larga, certamente abrigando órgãos de Benevolência preeminentes.

Aceno a cabeça solenemente.

— Benevolências inefáveis, de facto.

O boi esfolado da pintura está pendurado pelas patas traseiras de uma viga transversal de madeira; a gordura mosqueada e o músculo em aplicações espessas por empaste. Mr. Pounds espia-me enquanto o olho fixamente, com um lampejo de orgulho nos olhos.

— Espero que a obra não a tenha transtornado — diz num tom que sugere que, com efeito, o deseja muito. — Considero magistral a precisão anatómica do artista, não concorda?

— Efetivamente, muito magistral — digo, e a boca de Mrs. Pounds enrijece.

Mr. Pounds rasga um sorriso, um canino superior amarelado brilhando sob a cintilação do candelabro, e diz:

— Não temos dúvidas de que o seu emprego aqui será extremamente frutífero.

*

Quando regresso ao meu quarto, um lume frugal foi acendido na lareira. A minha mala foi trazida para cima e está pousada contra a parede, ainda amarrada, provavelmente um sinal intencional dos criados de que ninguém lhe mexeu. Desamarro-a e enfio a mão lá dentro, ansiosa por confirmar a presença dos meus pertences mais preciosos: mechas de cabelo de entes queridos há muito desaparecidos, o broche da mãe, cartas do pai.

Quando eu era pequena, a minha mãe levou-me ao cemitério de uma paróquia na Londres Oriental, apontou para uma lápide e disse: «Este é o teu pai.» Foi só depois de aprender a ler que descobri que a sepultura pertencia a uma Ilsa Haynes, morta uns bons dez anos antes de eu nascer.

A mãe falava do meu pai em desabafos esporádicos. «O teu pai vestia-se assim», dizia ela categoricamente ao passar pela vitrina de um alfaiate. Ou: «O teu pai também gostava dessa cor», quando apontei para um céu cor de pervinca. Como a mãe se referia a ele no pretérito, eu não sabia se ele estava morto ou se simplesmente já não gostava dessas coisas.

Eu tinha cerca de seis anos quando a mãe, fazendo-se passar por uma respeitável viúva, se mudou comigo para Hopefernon e se casou com o reverendo. Tinha-lhe sido oferecido sacerdócio perpétuo na igreja da aldeia e deu por si atingido pela solidão daí resultante. A aldeia era uma dispersão de casas de pedra negra, erigidas em linhas irregulares sobre uma colina, repleta de vielas confinantes que não levavam a lado nenhum. Da cerimónia de casamento lembro-me de pouco, a não ser de um patinho

castanho morto nos degraus da igreja, que a mãe afastou com a bainha do seu único vestido bom ao descer.

Os corredores do presbitério faziam corrente de ar e os quartos minúsculos eram abafados quando as lareiras estavam acesas. Aquele lugar era ao mesmo tempo apinhado e nu, com um vestíbulo de paredes cinzento-claras e piso de arenito. Toda a paleta era muda, desbotada, terrosa, do papel de parede descascado às lombadas de velino dos livros que revestiam as prateleiras — exceto um borrão solitário de vermelho brilhante e histérico no vestido da menina camponesa que adornava o mostrador do relógio. Equilibrando uma cesta à anca enquanto colhia arandos na charneca, a menina erguia o vestido com uma urgência desajeitada, como se o tecido lhe picasse a barriga das pernas. O reverendo dava corda ao relógio de pé alto todas as noites a caminho da cama. Eu ouvia-o do meu quarto, perto das escadas: o tilintar da corrente como uma lâmina a bater nos dentes.

Desaperto o espartilho de algodão feito por mim e, como sempre, sou invadida pela alarmante sensação de carne a cair rapidamente, como se fosse estatelar-se no chão caso eu não a apanhasse.

Fico muito parada por um momento, no silêncio do meu quarto, tentando determinar se sou capaz de ouvir através das paredes. Estou convencida de que ouço sinetas: as sinetas que tocavam de dentro dos caixões de segurança no cemitério da igreja de Hopefernou.

— Para assegurar que não se é enterrado vivo — explicou o reverendo quando as comentei pela primeira vez, em criança. — Só podem ser tocadas no interior do caixão.

— Mas eu ouço-as à noite — dissera-lhe eu, e o reverendo suspirara e sacudira o rosto cheio de rugas, tão profundas na pele que tinham sulcos.

Quando era pequena, imaginava que teriam sido esculpidas pelo próprio pai do reverendo e que este acabaria por esculpi-las no seu filho. Mas o reverendo nunca teve um filho. De facto, a minha mãe e o reverendo não geraram filhos, pois o reverendo ensinou a minha mãe a não os querer. Espiei uma dessas conversas, observando a mãe em fatias por entre as dobradiças da porta da sala de jantar no presbitério.

— Não devemos, não devemos — dizia a mãe, como se estivesse empenhada a recitar uma coisa decorada.

— *Tu* não deves — respondeu o reverendo, e a boca transbordava de saliva, como era costume quando arrebatado de nojo.

— Não devo, não devo — repetia a mãe.

Puxo a roupa de cama para trás, espreito por baixo (em casas anteriores, as crianças tinham tendência a enfiar aí lagostins vivos ou ratos ou, certa vez, uma bola de cabelo aparentemente feita de cabelo humano. As crianças são criaturas brincalhonas). Satisfeita por não haver monstros, exceto os que trago dentro de mim, meto-me na cama de camisa de dormir e perscruto o aposento desconhecido. O fogo cospe o que resta da sua vida. Estreito os olhos para o que parece ser a silhueta do reverendo na escuridão profunda, muito direito e imóvel ao lado da cómoda. Mas é apenas a minha mala de pé.

Viro-me de lado e os meus olhos relaxam o foco. Através de um padrão de damasco no papel de parede, uma mulher chama-me com a mão.

Regressa finalmente, ainda mais provocadora e audaz, a que já é considerada por muitos a mestre espanhola do romance de *suspense*, que apanhou de surpresa imprensa, livreiros e leitores com *Mrs. March*, galardoado com o Prémio Valencia Negra.

«Até hoje, não posso deixar de me perguntar como será, o medo. A correr no sangue como veneno, a corroer as esperanças, as ambições, a própria pessoa.»

Grim Wolds, Inglaterra: Winifred Notty chega a Ensor House disposta a desempenhar o papel da preceptora vitoriana perfeita. Leal aos patrões, Mr. e Mrs. Pounds, compete-lhe educar os filhos destes, Drusilla e Andrew: a ela no Francês e na arte da costura, a ele, nas disciplinas de Álgebra e História. E, claro, contar-lhes histórias de embalar...

Contudo, Ensor House e os seus habitantes ocultam perversões e segredos sombrios, e depressa se torna evidente que Miss Notty tão-pouco é quem parece. Com o tempo, os outros criados da casa vão-se apercebendo de comportamentos bizarros: conta histórias sinistras às crianças, deambula, ao luar, em roupa interior pelos relvados da propriedade. Além disso, há todo um passado da preceptora que vai levantando inúmeras suspeitas. Que aconteceu às crianças com quem trabalhou antes? Por que razão o reverendo, seu padrastrô, dormia com uma arma e a porta trancada depois da morte da mãe de Miss Notty? Que aconteceu realmente à sua mãe?

Divertido e macabro em doses iguais, *Victorian Psycho* vem confirmar o que *Mrs. March* deixava já intuir: a certeza de que estamos perante uma das vozes mais importantes da nova literatura de *suspense*, no melhor estilo de mestres como Patricia Highsmith, Daphne du Maurier ou Charles Dickens.



«Numa história sanguinária ao estilo de Tarantino e com ecos da ironia de *Fleabag*, Virginia Feito explora as fronteiras do mal e do humor.»

El Mundo

«Sinistro e maravilhoso.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN 9789895836079



9 789895 836079 >